



A VIDA ASSOCIATIVA DO NEGRO NO RIO DE JANEIRO (1940-1950): UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DAS OBRAS DE COSTA PINTO E SONIA GIACOMINI

Frank Andrew Davies*

Cite este artigo: DAVIES, Frank Andrew. A vida Associativa do Negro no Rio de Janeiro (1940-1950): uma interpretação a partir das obras de Costa Pinto e Sonia Giacomini. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 69-80, 30 mar. 2008. Anual. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 30 mar. 2008.

Resumo: Este artigo objetiva analisar o Renascença Clube no contexto dos grupos negros do Rio de Janeiro na década de 1940 e 1950. A partir da releitura das obras de Costa Pinto e Sonia Giacomini acerca da divisão do grupo de cor em camadas sociais distintas, nosso intuito é acompanhar a repercussão desses fatos na formação de associações negras, com papéis e funções diversificadas, acompanhando as transformações ocorridas ao grupo que pretendem representar.

Palavras-chave: relações raciais; Costa Pinto; Sonia Giacomini; raça; classe; status; mudança social; clubes sociais; movimentos sociais; movimento negro.

1. Introdução

Este artigo objetiva especificamente analisar uma associação negra fundada em 1951 no Rio de Janeiro, o Renascença Clube, a luz de um diálogo com duas obras acerca do negro no Distrito Federal em um período histórico específico. A discussão aqui proposta se restringe à natureza da vida associativa da população de cor em um contexto de acelerado desenvolvimento econômico e social, além de transformações políticas significativas. As décadas de 1940 e, principalmente, de 1950, servirão de pano de fundo para compreensão da situação do negro na estrutura social brasileira e identificação dos mecanismos utilizados pelo grupo diante dos problemas enfrentados a partir da ascensão social, experimentada por uma pequena parcela da população de cor.

Serão objetos de exame dois livros com tal temática. São eles: *O Negro no Rio de Janeiro – Relações de Raças numa Sociedade em Mudança*, de L. A. Costa Pinto, publicado originalmente em 1953, e *A Alma da Festa: Família, Etnicidade e Projetos num Clube Social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube*, de S. M. Giacomini, publicado em 2006. É evidente na obra de Giacomini a referência constante a *O Negro no Rio de Janeiro*, mas a pertinência de maior aproximação entre leituras de diferentes peso e natureza se solidifica no vazio que tange a apropriação deste clássico para além da sua contextualização às configurações das relações raciais no período *et locus* circunscrito; *A Alma da Festa* se reveste da obra de Cos-

ta Pinto praticamente em sua primeira parte, “A Situação Racial”, obscurecendo possíveis diálogos entre o Renascença Clube e as categorias elaboradas na Segunda Parte do livro, “Movimentos Sociais”. É esse o principal intento deste trabalho.

Para tanto, o artigo foi estruturado em quatro subseções: as duas primeiras se concentram na análise das obras e interpretações dos respectivos autores, enquanto as duas últimas se restringem ao diálogo das idéias trabalhadas a respeito dos tipos de associações negras do período já citado.

Antes de iniciarmos a discussão acerca das obras, é importante deixar claro que certas categorias empregadas, como “elite”, “classe média” ou ainda “parcela privilegiada”, vem de encontro aos textos aqui analisados e foram assim utilizadas pelos respectivos autores.

2. O Negro no Rio de Janeiro, de Costa Pinto.

Fruto da política patrocinada pela UNESCO de incentivo a debates científicos sobre as relações raciais no Brasil, no início da década de 1950 (Maio, 1997), *O Negro no Rio de Janeiro* seguiu a trajetória das outras obras deste projeto [1] e se tornou um clássico da literatura sociológica brasileira. Publicado no final de 1953, este trabalho teve imensa repercussão por ter sido o único com foco na cidade do Rio de Janeiro, Distrito Federal no período. Os estudos nas áreas mais urbanizadas do país (Costa Pinto no Rio de Janeiro, e Fernandes, Bastide e outros, em São Paulo) guardavam a particularidade de acompanhar o movimento de integração (ou não) da parcela de cor da população às atividades produtivas modernas.

Vale mencionar que estamos nos referindo ao Brasil da década de 1950, em plena expansão industrial, experimentando o fenômeno da urbanização e da concentração demográfica.

Como fica claro no subtítulo da obra de Costa Pinto, a perspectiva de “sociedade em mudança” norteia a visão do autor, que se mostra preocupado com o lugar ocupado pelo negro dentro do movimento de transformações sociais, econômicas e ocupacionais vividas no Rio de Janeiro daquele período.

Dessa forma, *O Negro no Rio de Janeiro* é estruturado para abarcar de forma explicativa a situação real dos homens de cor da cidade, em diferentes aspectos. Utilizando dados estatísticos do Censo do IBGE de 1940 e 1950, o Censo das Favelas de 1949, ou ainda promovendo pesquisas entre grupos de alunos de escolas secundárias [2], o autor objetivou a análise *sociológica* sobre as relações raciais evidenciando informações quanto à demografia e à estratificação social da cidade, ou ainda observando a concentração da população de cor por bairros, a fim de validar a possibilidade de segregação étnica. Além disso, o acesso à educação também foi outro ponto ressaltado, no qual fica claro o abismo entre brancos e não-brancos quanto à escolaridade ou, antes disso, às oportunidades de estudo.

A análise do comportamento social a partir de estereótipos formulados também foi feita de forma estatística através de uma amostragem. Os resultados são impressionantes, ainda se levar em conta o esforço do autor em desmistificar a idéia de harmonia entre os grupos raciais, tão em voga no período, através do uso de métodos científicos e estatísticos.

Assim, essa primeira parte da obra procura delinear o problema do negro na nova sociedade, que existia, ainda que não se admitisse no senso-comum e em alguns círculos acadêmicos.

No primeiro segmento da obra, intitulado “A Situação Racial”, estão presentes os elementos informativos que permitem visualizar o panorama do negro na cidade do Rio de Janeiro. O conflito racial se esclarece, no que tange ao acesso à educação, à ascensão social e à qualidade de vida, em vista da segregação espacial, social e econômica que existe entre brancos e não-brancos. Já na segunda parte do livro, “Movimentos Sociais”, Costa Pinto se debruça sobre as associações negras existentes no período. É sobre sua análise que nos aprofundaremos neste artigo.

O estudo das associações tem grande importância dentro da lógica apresentada pelo autor ao seu trabalho, a saber, as relações raciais no contexto de transformações sociais, econômicas e ocupacionais. Nesse momento de mudanças, o que surge como sociologicamente relevante é o movimento de *tomada de consciência* (Costa Pinto, 1998: 214) por um segmento do grupo observado, que passa a reorientar suas práticas associativas para um sentido mais reivindicatório e crítico mediante os problemas por eles enfrentados.

A partir da *tomada de consciência* de uma parcela da população de cor – basicamente, o estrato mais “bem sucedido” desse segmento –, “os interesses se dividem” (Costa Pinto, 1998: 214) e surgem formas distintas da vida associativa do negro daquele período. Afirma o autor que:

“(…) os movimentos e associações negras refletem, em sua história, uma multiplicidade de formas e uma multiplicidade de graus daquela tomada de consciência total ou parcial de seu problema, que vai da passividade à agressividade, da negação da sua existência à hipertrofia de sua significação, da obsessão à fuga, do mascaramento sob a forma de simulada indiferença até ao sacrifício sob a forma de martírio. Há de tudo, e tudo reflete as flutuações através das quais a vivência do problema se transforma em consciência dele” (Costa Pinto: 1998: 215).

Com base nesse movimento originado dentro do próprio grupo estudado, Costa Pinto fundamenta a classificação das associações negras em dois tipos: as “associações tradicionais” e aquelas intituladas de “novo tipo”. Em menor dedicação, o sociólogo identifica “associações de transição” e suas características serão melhor delineadas na parte final deste artigo.

Seja qual for o perfil da instituição a ser observada, vale ressaltar que “umas e outras refletem, cada uma de sua maneira, o perfil sociopsicológico do negro brasileiro” (Costa Pinto, 1998: 216). Por pensar dessa maneira, o autor constrói no estudo da vida associativa do negro do Rio de Janeiro as bases para compreensão das relações raciais dentro da cidade, ainda que sob a ótica do grupo *oprimido*.

A relevância das associações, para esse estudo, vai superar questões particulares que poderiam prejudicar sua análise como objeto, como o caráter efêmero da maior parte dos grupos ou por serem esses, antes de tudo, “movimentos de cúpula” (Costa Pinto, 1998: 216), com poucos participantes efetivos, em contraste à representatividade que supunham abarcar.

A discussão a respeito da representatividade do grupo não-branco por uma “elite agressiva” (Costa Pinto, 1998: 216) está mais aprofundada no livro e não é, aqui, alvo de interesse. Quanto ao grupo privilegiado de cor, apontado por Costa Pinto como pretense porta-voz dos negros por igualdade de direitos e condições, vale evidenciar que, entre a Abolição e as três primeiras décadas do século XX, essa pequena elite negra tinha outra proposta que não a de baluarte da negritude, mas, ao inverso, de grupo a ser branqueado pelos costumes e pela cor que eram condizentes à sua nova condição de classe.

A reorientação das ações dessa pequena parcela negra privilegiada teria tido como fruto o surgimento de um novo caráter associativo na cidade do Rio de Janeiro, que o autor denominou de “novo tipo”. Antes de nos aprofundarmos nesse caráter associativo, vejamos como são vistas as “associações tradicionais” na perspectiva do sociólogo.

Os grupos associativos “tradicionais” têm como propriedade certo continuísmo em relação ao processo de transformação que, como visto, é o que norteia o discurso de Costa Pinto. Assim sendo, aqui estão representadas as instituições que persistem apesar das mudanças políticas, econômicas e sociais que ocorriam no país desde a segunda metade do século XIX.

As associações religiosas, como Irmandades católicas negras (destaca-se a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos) e os terreiros (perseguidos pela polícia) das ditas “religiões afro-brasileiras”, e ainda as associações recreativas, como as escolas de samba, grupos de capoeira e de congada, preenchem as características do que o autor denominou “associações tradicionais”.

Do quadro de mudanças nasceram novas organizações, resultado de transformações dentro do grupo negro, a saber: a elite em busca da legitimação do *status* de classe, e a massa, consolidando a formação do proletariado industrial. De qualquer forma, a distinção da parcela de cor da população a partir do fim do regime abolicionista provocou a formação de identidades distintas entre os subgrupos (oposição elite negra x negro-massa). Isso fica claro no discurso das “associações de novo tipo”, que Costa Pinto define como movimento de elite:

“As associações que aqui chamamos de tradicionais são negras, portanto, no sentido que são populares – nesse sentido são tão negras quanto, por exemplo, o futebol –, enquanto que as de novo tipo são, por excelência, associações de elite, de elite negra, que em face da massa negra age, reage e se comporta como toda elite em face de qualquer massa” (Costa Pinto, 1998: 235).

O “negro-massa” teria seu caráter associativo e sua identidade de grupo relacionado à classe, no caso, ao proletariado industrial. Para o sociólogo, o surgimento de “associações de novo tipo” vem ao encontro do problema da elite negra não ser aceita entre a elite branca da forma que gostaria, ou supostamente, mereceria. A esse pequeno grupo, coube como solução a reivindicação pelos mesmos direitos, em nome de toda população de cor.

Para elucidar o caráter desses grupos, vale destacar as associações analisadas. O *Teatro Experimental do Negro* (TEN) foi, sem dúvida, o principal objeto de estudo e, por conta da análise do pesquisador, se desenvolveu uma série de debates com um intelectual participante do

movimento, o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos (Maio, 1997a). Além do TEN, outras associações, como a União dos Homens de Cor (Uagacê), responsável pela publicação do Jornal Himaiaia, e a União Cultural dos Homens de Cor, também serviram de ilustração para caracterizar as “associações de novo tipo”.

Costa Pinto identifica a gênese desses grupos a partir das transformações ocorridas após a Revolução de 1930; entretanto, a partir de 1945, com a democratização política, essas instituições encontraram maior possibilidade de sobrevivência e resistência.

O movimento de ascensão social, experimentado por pequena parcela da população negra a setores da classe média urbana, trouxe novas dificuldades a serem superadas pelo grupo. Tal barreira foi contornada através do exercício de liderança assumida por essa elite frente às massas de cor. Dessa forma, as “associações de novo tipo” assumem a responsabilidade de transformar a realidade de uma pequena parcela de cor, ainda que no plano do discurso isso se estenda a todos os negros.

Vale lembrar a interpretação de Costa Pinto quanto à natureza dos movimentos de cúpula e da falta de participação da massa por essa não se identificar com o *ethos da negritude*, criado em discurso pela elite. Afirma o pesquisador:

“A elite que se forma nessas associações, e que as formou para si, para resolverem problemas seus, de *status*, de aspirações, de mobilidade e de resistência que encontra à sua mobilidade e às suas aspirações, sofre, por sua vez, do mal incurável de não saber falar outra linguagem que não seja a do seu horizonte de estrato médio, duplamente asfixiado por sua condição de raça e de classe” (Costa Pinto, 1998: 245).

Assim como o autor, utilizaremos o TEN para exemplificar a natureza das “associações de novo tipo”. Através de publicações de periódicos (“Quilombo” era o jornal produzido pelo grupo e contava com edições mensais) e na defesa pela consolidação de uma elite intelectual, negra, e engajada, essa instituição valorizava em seu discurso a educação do “negro-massa” para resolução das tensões e recalques oriundos da discriminação e subjugação sofridas por toda a população de cor.

Como visto, há dois elementos constitutivos importantes no discurso das “associações de novo tipo”. São eles:

1. A necessidade de liderança por parte de um grupo menor, culto, e ainda, negro;
2. O *ethos da negritude*, que, reunificaria a população negra apesar das distâncias socioeconômicas que se abriram a partir do fim da Escravatura. Essa união entre os homens de cor agora está não no plano econômico, ou político, ocupacional, social, e nem no plano simbólico. Segundo as “associações de novo tipo”, está no âmbito psicológico, pois todos seriam vítimas do preconceito e passaram por traumas e conflitos.

O papel a que se propõe o TEN e outros grupos da mesma natureza é reivindicar, em nome de toda população negra, igualdade de direitos, maior acesso à educação, saúde e políticas assistenciais visando o fim da discriminação. Entretanto, para Costa Pinto, esses problemas não eram interpretados da mesma forma pela massa de cor, que estava identificada com as instituições do proletariado, como sindicatos e associações trabalhistas.

Dessa forma, Costa Pinto pretende nos fazer observar que a elaboração de um sentimento de pertencimento à *negritude*, estimulada pelas “associações de novo tipo”, denotaria o emprego arbitrário da categoria *raça* a partir dos interesses em jogo.

3. *A Alma da Festa*, de Giacomini.

A *Alma da Festa*, obra da socióloga Sonia Maria Giacomini, usa um caso particular para a discussão a respeito da vida associativa do negro carioca: o Renascença Clube.

Ao se debruçar sobre a história do clube e as transformações ali ocorridas, a autora identifica três fases, ou melhor, projetos (Velho, 1987) [3] distintos. Para este estudo, o recorte histórico se estende do ano da fundação do Clube, 1951, até a década de 1970. Nesse pequeno período, o perfil associativo da instituição passou por uma seqüência de orientações acordadas aos interesses e objetivos dos seus associados – a saber, negros de classe média da zona norte da cidade, ainda que em certos períodos específicos, seja possível observar certa mudança do perfil dos seus integrantes.

Antes de aprofundarmos a análise a respeito do livro, é importante situá-lo historicamente. Originalmente apresentado como tese de doutorado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) no ano de 2004, *A Alma da Festa* recebeu o Prêmio IUPERJ de melhor tese de doutorado em Sociologia no ano de 2005 e, no ano seguinte, foi publicado pela Editora UFMG.

Como já mencionamos, do período de 1951 até meados da década de 1970, a socióloga identifica três projetos distintos dentro do Renascença Clube.

O primeiro projeto, nomeado por Giacomini de “Flor-de-lis” [4], comporta o intervalo entre 1951 e os primeiros anos da década posterior. Nesse período, o Clube se localizava em uma casa no bairro Lins de Vasconcelos, próximo ao Méier, zona norte do Rio de Janeiro. Ali, pequeno grupo de negros (que não teria passado de quarenta pessoas, de acordo com a autora) desenvolveu atividades recreativas semelhantes a dos demais clubes tradicionais de classe média da região, como o Tijuca Tênis Clube ou o América Futebol Clube, ambos na Tijuca. Saraus, tertúlias, bailes de gala, tardes de chá, audições de música clássica e outras formas de lazer associadas à cultura erudita eram praticados por esses negros de classe média.

A elaboração de um espaço próprio para a prática dessas atividades é explicada por antigos associados a partir da dificuldade ou impedimento ao “acesso a diversos tipos de diversões por serem negros” [5]. O Clube, nesse momento, exerce papel sociabilizador entre os núcleos familiares negros, além de contribuir para a construção de identidade pela alteridade em relação ao estereótipo do “negro-massa” (Costa Pinto): pobre, ignorante e bárbaro [6].

É no projeto “Flor-de-lis” que se debruçará esse artigo para compreensão da vida associativa do negro do Rio de Janeiro nas décadas de 1940 e 1950. Entretanto, vale mencionar as duas fases identificadas por Giacomini na história do Renascença Clube.

Nos primeiros anos de 1960, a instituição se transfere para o Andaraí, bairro próximo à Tijuca, e deixa de lado, aos poucos, a proposta sociabilizadora entre os pequenos núcleos familiares de negros “distintos”. Em seu lugar, surge o projeto de incorporação dos valores culturais atribuídos ao negro – como o samba e, principalmente, a mulata (Giacomini, 1992) [7]. A reorientação das práticas recreativas representa a mudança na conduta original do grupo; agora, estamos diante do projeto “Negro Espetáculo”, no qual as rodas de samba e concursos de beleza substituem as tardes de sarau e música clássica. Nesse momento, o clube abre as portas a indivíduos brancos da zona sul, atraídos pelo ambiente descontraído das festas e, mais ainda, pelas belas mulatas que traziam fama ao Renascença [8].

No início da década de 1970, a proposta de integração entre brancos e negros, baseada na assimilação dos valores culturais atribuídos aos últimos pelos primeiros, é totalmente rejeitada pelos jovens, que estavam interessados na elaboração de uma identidade negra, e não brasileira, como desejavam os participantes do projeto “Negro Espetáculo”.

Dentro deste último projeto, o “Negro Soul”, a promoção de bailes *black* afinados à cultura de resistência dos “irmãos” norte-americanos, trouxe ao clube um inédito discurso de engajamento. A “consciência de raça” aparece entoada à valorização dos elementos étnicos estéticos, culturais e sociais, ainda que estes menos alinhados à história do negro brasileiro e mais próximos a do norte-americano. O discurso militante do negro estrangeiro é incorporado pelos jovens (também negros) da classe média carioca, que rejeitam a idéia de harmonia racial e encontram no movimento internacional a melhor alternativa de manifestação política e cultural naquele momento.

Giacomini, após a exposição e melhor detalhamento desses projetos, conclui que, apesar das distinções que os singularizavam, eles guardavam em comum a tentativa de grupos distintos (amparados pela mesma associação) de se legitimarem enquanto *negros* dentro de um espaço na estrutura societária brasileira, seja no plano simbólico (uma hora, pelos elementos de classe, ou pelos estereótipos esperados pelo grupo dominante, e por fim, na importação de representações externas), seja no plano social, em vista do *não-lugar do negro dentro da classe média brasileira*.

4. O Renascença e as categorias de associações negras

O Negro no Rio de Janeiro nasce a partir de um projeto de pesquisa sobre a situação racial no Brasil, encomendado pela UNESCO. Justamente no intervalo entre o início da pesquisa, em 1950, e a publicação da primeira edição do livro, em 1953, é fundado o Renascença Clube (1951), como visto. Portanto, a comparação entre o trabalho da socióloga Giacomini e os estudos de Costa Pinto se torna possível a partir da equiparação entre período, local e objeto de estudo.

Neste momento, concentraremos nossa análise em recortes específicos das duas obras, a saber: a fundação e o projeto “Flor-de-lis”, do livro *A Alma da Festa*, e a segunda parte de *O Negro no Rio de Janeiro*, intitulada “Movimentos Sociais”. O objetivo, a partir dessa análise comparativa, é encontrar o lugar do Renascença Clube dentro das categorias associativas elaboradas por Costa Pinto para os grupos de negros do Distrito Federal do período.

Vale lembrar que a tipificação do primeiro autor segue a perspectiva do impacto das mudanças sociais, onde aquelas que persistiam com as mesmas características – como Irmandades católicas, escolas de samba e grupos de capoeira – eram chamadas de *tradicionais*, enquanto as *associações de novo tipo* surgem das transformações sociais, políticas e econômicas do período, principalmente a experiência da ascensão social por certa parcela da população de cor. Essas novas instituições são caracterizadas pelo seu caráter reivindicatório diante da discriminação e negação de *status* a partir da nova condição de classe. O *Teatro Experimental do Negro* é utilizado pelo pesquisador como o grupo representativo dessa categoria de análise.

Outras características das “associações de novo tipo” já foram aqui mencionadas, como a pretensão em estender sua representação para além da elite negra insatisfeita, e se revestir do ideal de porta-voz de toda a população de cor na luta por direitos iguais, educação, saúde e promoção social.

As “associações tradicionais” são impermeáveis à dinâmica de transformações do período, pois se sustentam em elementos culturais também tradicionais. Costa Pinto concorda que há mudanças também dentro dos grupos desse tipo, mas elas seguem outra lógica que não a mobilidade das camadas de cor da população, mas sim questões políticas específicas, próximas a essas instituições (caso observado nas escolas de samba [9]).

Se fizermos um corte classista na interpretação das associações negras do Rio de Janeiro, poderemos observar que a população negra e proletária está concentrada nos grupos tradicionais e estes se caracterizam mais pelo perfil econômico do que racial dos seus integrantes [10]. Para o autor, nessas organizações, por mais que a maioria dos seus componentes seja de negros ou mestiços, a natureza das práticas coletivas não segue uma lógica racial ou étnica. O contrário é observado nas associações modernas, com participação restrita a grupos de cor com maior nível de escolaridade e ocupações típicas das classes médias da época. Nessas organizações, o corte racial está presente no discurso das instituições, evidenciando o cenário de discriminação sofrido pela ação do homem branco.

O Renascença Clube é fundado a partir de um episódio de discriminação sofrido por alguns dos seus membros fundadores ao tentar ingressar em um clube tradicional da cidade. O triste episódio reflete a segregação espacial (também observada por Costa Pinto) existente entre brancos e negros que, ao que parece, persiste mesmo que estes sejam integrantes da mesma “classe”.

A socióloga observa que a proposta do clube, a partir da sua fundação, era menos crítica e mais sociabilizadora. O espaço designado *clube* preenche mais tais requisitos do que o movimento negro, já existente no período.

“(...) Nas narrativas, o momento fundador transparece revestido de um sentido de necessidade, até mesmo de urgência; é como se o Renascença tivesse vindo preencher um vazio existente desde sempre. A iniciativa até hoje tem sua necessidade e relevância ressaltadas, poder-se-ia dizer legitimadas, pelo fato de que os negros eram – e, para alguns, ainda são – discriminados. O Renascença nasceu como uma resposta à discriminação, ou melhor, à segregação imposta aos negros da cidade” (Giacomini, 2006: 29).

Se em relação aos membros, o Renascença se assemelha às “associações de novo tipo”, quanto à proposta da instituição essa semelhança se dissolve:

“(...) O Renascença desse período estava bastante voltado para a realização de atividades que preenchessem rotineiramente a vida social dos associados, contribuíssem para o aprimoramento dos jovens e estimulassem a socialização e divulgação de certos símbolos da cultura clássica e erudita” (Giacomini, 2006: 32).

Nesse contexto, o objetivo era criar um espaço para que esse pequeno grupo de cor e erudito pudesse “estar à vontade” (Giacomini, 2006: 33), ou seja, entre seus pares. Ao contrário do *Teatro Experimental do Negro* e de outras associações próximas, o clube em questão estava voltado para as relações sociais internas; em outras palavras, para a promoção de um ambiente familiar e de socialização. Ali, eram bem selecionados seus integrantes, não se limitando à questão étnica ou classista, mas conciliando os dois elementos a fim de traçar o perfil ideal dos seus componentes.

A proposta de um clube faz do Renascença uma organização não tradicional também. Visto que ele é fruto das transformações apontadas por Costa Pinto, a partir da mobilidade social vivenciada por seus integrantes, não poderia ser o Renascença uma instituição caracterizada pelo continuísmo em relação ao período em que está situado. A constituição de um grupo de classe média negra é produto histórico, assim como a fundação de um clube social que atendesse a tal público. Tal surgimento pode ser identificado como fenômeno inédito até o momento, ao menos na literatura sociológica.

Por não atender às características dos dois tipos ideais formulados por Costa Pinto, como definir o Renascença Clube em relação às outras organizações negras do seu período?

Costa Pinto, ainda no capítulo dedicado às associações tradicionais do livro já citado, evidencia como particularidade certas associações “de transição”, preocupadas em legitimar *status* a grupos de negros sob a lógica de “viver com distinção e boas maneiras é o mesmo que viver como branco” (Costa Pinto, 1998: 231).

“Ainda assim, como de resto é facilmente observável em situações semelhantes ocorridas noutros lugares, onde o *status* de um grupo sofre alterações em consequência de mudanças sociais em processo, já hoje se pode observar o desenvolvimento, entre negros, de outras instituições recreativas, mais próximas dos padrões da classe dirigente e da sociedade branca, o que ocorre simultaneamente com uma certa atitude de repulsa às formas tradicionais de *folk*, que, porque são tradicionais, e tradicionalmente consideradas como traços característicos de *status* inferior, atraem

cada vez menos o interesse daqueles que procuram ascender socialmente, por via de imitação das formas de comportamento do branco” (Costa Pinto, 1998: 230, grifo do autor).

Entretanto, o autor circunscreve para tais exemplos, clubes de danças (as “gafieiras”, como o Clube Elite e Flor do Abacate) ou os *night clubs*, diferenciados pelo preço mais caro, que denotaria maior distinção dos seus frequentadores.

Costa Pinto interpreta tais organizações recreativas como elementos urbanos de transição entre as “associações tradicionais”, de *folk*, e as “de novo tipo”. Assim sendo, o negro, em novo espaço e sob novo regime de trabalho, renega as instituições já conhecidas e que remetem ao estrato inferior da população, e incorpora novos símbolos e gostos na busca pela aceitação do “branco urbano” a partir da imitação dos padrões típicos desse grupo.

Em vista do que foi aqui observado, o Renascença Clube sem dúvida teria, na obra do sociólogo, encontrado nesta categoria intermediária seu *locus* classificatório. Costa Pinto encaixa entre as associações de transição os clubes de dança, mas, de certa maneira, o clube social preenche os requisitos de busca por *status* a partir da imitação dos gostos da classe média branca.

5. O legado de Costa Pinto para *A Alma da Festa*

Diante das questões norteadoras desse trabalho e a partir das respostas encontradas, emerge para nossa discussão outros elementos que contribuam para elucidar a participação do trabalho de Costa Pinto na elaboração do estudo de Sonia Giacomini. O uso teórico de *O Negro no Rio de Janeiro* está visivelmente circunscrito aos dados estatísticos, geográficos e suas conseqüentes conclusões (em outras palavras, à primeira parte do livro, “A Situação Racial”). O estudo das associações negras, acessado por trabalho de campo, entrevistas – em colaboração com Edison Carneiro (Maio, 1998:31) – e participação em eventos (I Congresso do Negro Brasileiro, em 1950), constitui material riquíssimo e pouco explorado para pesquisa de outro grupo do mesmo período, o Renascença Clube. Diante do silêncio, surge a dúvida: o que, ou melhor, por que, Costa Pinto e sua literatura clássica não são explorados por Giacomini em sua plenitude? Ainda: por que a avaliação do corpo negro associativo é justamente “discriminada” em um trabalho com a mesma temática, que envolve o seu objeto de exame?

Para responder a essa questão, hipóteses serão suscitadas. Do lado de *O Negro no Rio de Janeiro*, justificativas que envolvam a temporalidade inevitável dos escritos devem ser contempladas, bem como a filiação teórica do autor à uma linha interpretativa sobre as relações raciais em um contexto de mudança: aquela que compreende a resistência de dispositivos discriminatórios na transição à “estrutura de classes”. Assim, a elaboração de categorias para os grupos associativos pode ser percebida como “datada”, “ultrapassada”, colocada em “desuso”, o que validaria seu descaso em *A Alma da Festa*.

Em contrapartida, a obra de Giacomini pode encontrar motivos para menor diálogo com Costa Pinto justamente pelo seu formato: esta é uma tese de doutoramento com recorte e proposta de discussão que não contemplam, necessariamente, o uso das categorias de associação

“tradicional”, “de transição” e “de novo tipo”. Aqui o Renascença Clube é analisado em extensão além da década de 1950 do livro clássico em debate, o que limita a aplicabilidade dos seus conceitos, pois, como visto, ele se conforma em uma “sociedade de mudanças”.

Sejam lá quais forem as explicações para esse silêncio, nosso artigo pensa que o debate mais próximo aos textos que apropriamos como *clássico* – em todas as suas propriedades – é um exercício sociológico recorrente e intensivo, afim de evitar posicionamentos e discriminações diante de obras relevantes e tão próximas.

Tal como *O Negro no Rio de Janeiro*, *A Alma da Festa* reserva uma perspectiva peculiar e privilegiada sobre a constituição de identidades coletivas para os grupos de cor a partir do advento da “sociedade de classes”. Sua contribuição para os estudos posteriores está desde já sendo reconhecida, visto pela conquista do Prêmio IUPERJ de melhor Tese de Doutorado em Sociologia de 2005; ao que indica, esse é o início da trajetória de sucesso do trabalho de Giacomini.

Costa Pinto faz de *O Negro no Rio de Janeiro* um clássico da Sociologia brasileira. Envolvida pela perspectiva de mudança social, sua interpretação acerca da vida associativa se concentra em dois pólos: os grupos afetados ou não pela dinâmica social. Já *A Alma da Festa*, de Sonia Giacomini, está norteado por outra perspectiva de mudança, a saber, as que ocorreram em um clube social de negros. A comparação entre essas duas obras nos faz ir além do que foi possível observar por cada autor e enriquece os estudos sobre a trajetória do negro na busca por um *lugar* na sociedade brasileira. 🌀

NOTAS

* Graduando do 7º período de Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: frankdvz@yahoo.com.br

[1] Os outros trabalhos oriundos do Projeto UNESCO são: *Race and class in rural Brazil* (1952), organizado por Charles Wagley; *Les élites de couleur dans une ville brésilienne* (1953), de Thales de Azevedo; *Branços e Negros em São Paulo* (1955), organizado por Roger Bastide e Florestan Fernandes; e *Religião e Relações Raciais* (1956), de René Ribeiro.

[2] Costa Pinto, 1998: 173.

[3] Categoria analítica elaborada em Velho, 1987; *projeto* pode ser resumido como “uma conduta organizada para atingir finalidades específicas, de uma ação com algum objetivo predeterminado” (Giacomini, 2006: 16). Na formulação de tal conduta objetiva, o indivíduo-sujeito se torna unidade-chave para a idéia de projeto social, já que a coletividade coesa só é alcançada enquanto preenche as demandas por “uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante – em outras palavras, de sua eficácia simbólica e política propriamente dita” (idem: 18).

[4] Flor-símbolo do clube até os dias de hoje, está associada originalmente à realeza francesa.

[5] Depoimento extraído pela autora e publicado no artigo “O Drama de ser Dois: Sociabilidade num Grupo de Negros no Rio de Janeiro”, disponível no endereço eletrônico: <http://www.desafio.ufba.br/gt6-004.html>, no dia 08/03/2007.

[6] Costa Pinto retrata melhor os estereótipos acerca do negro e do mulato no capítulo “Atitudes, estereótipos e relações de raças” do livro já citado.

[7] Pensamos aqui “mulata” como categoria de análise. Ver GIACOMINI, Sonia Maria. *Profissão mulata: natureza e aprendizagem num Curso de Formação*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

[8] “Renascença faz “show de mulatas”. Matéria da Revista *O Cruzeiro*, n. 36, reproduzida em Giacomini, 2006: 167.

[9] Ver Costa Pinto, 1998: 226.

[10] Ver Costa Pinto, 1998: 230.

BIBLIOGRAFIA

COSTA PINTO, L. A. **O Negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa: Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

MAIO, Marcos Chor. **A História do Projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil**. Tese de Doutorado em Ciência Política. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1997.

MAIO, Marcos Chor. **Uma Polêmica Esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o Tema das Relações Raciais**. *Dados*, Rio de Janeiro, 1997a, v. 40, n. 1, p. 127-162.

MAIO, Marcos Chor. *Apresentação*. In: COSTA PINTO, L. A. **O Negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

VELHO, Gilberto Alves. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.